MUSICA

Crónicas musicaes

Erik Satie e os "seis"

Erik Satie e os "seis" — os arrojados ~~inventores~~ criadores duma nova estética musical — não é facil expôr em poucas linhas a sua acção e as suas obras. Ha muito que dizer a este respeito, tratando-se demais a mais dum assunto quasi desconhecido em Portugal. Vou tentar, pois, dizer alguma coisa — do pouco que sei — com todo o carinho que consagro à obra destes compositôres.

Erik Satie, nasceu em Honfleur (Calvados) a 17 de maio de 1866. Classifica-se entre os "fantaisistes" que são "de bonnes gens bien convenables."

Erik Satie, o irreverente prince sans rire tão discutido, é o pae espiritual dos "seis", e foi até certo ponto o precursor de Debussy, embora esse facto não seja muito conhecido.

Papá Satie — como lhe chamam — é humorista. Os títulos de algumas das suas obras confirmam-no; mas Satie oculta sob a feição humoristica uma bela alma de poeta, como se sentisse envergonhado de a possuir.

O seu bom humor descreve-o ele proprio da seguinte maneira, que mostra a boa disposição do seu espirito:

" Mon humeur rappelle celui de Cromwell. Je dois aussi beaucoup à Christophe Colomb; car l'esprit américain m'a parfois frappé sur l'épaule, et j'en ai senti, avec joie, la morsure ironiquement glacée".

E acrescenta: "avant d'écrire une oeuvre, j'en fais plusieurs fois le tour, en compagnie de moi-même."

Satie tem sido extremamente combatido, e presentemente ainda o é. As suas teorias, os títulos de algumas das suas obras, irritam por vezes a quem as não profundam.

E a propósito, quando Satie apresentou pela primeira vez a sua Musique d'ameublement, disse para o auditorio:

"Ceux qui ne comprendront pas sont priés par moi d'observer le plus respectueux silence et de faire montre d'une attitude toute de soumission, toute d'infériorité."

Satie queria assim evitar, que o seu trabalho, que levava o cunho de novidade, fosse mal recebido antes de lhe ter sido feito o estudo, que o tornasse conhecido. Como tem succedido a muitas obras.

Jean Cocteau define assim Satie no seu breviario:

" Le culte de Satie est difficile, parce que un des charmes de Satie, c'est justement le peu de prise qu'il

offre à la déification.
Ces titres autorisent à rire ceux qui n'en ressentent pas la valeur."

Algumas peças para piano de Satie teem uns titulos muito interessantes, como: Chapitres tournés en tous sens. Croquis et agaceries d'un gros bonhomme en bois. Aperçus désagréables. Morceaux en forme de poire, etc. etc.
A ultima obra de Satie é Socrate drama sinfonico.
Segundo a opinião de Allix, opinião extremamente original, a obra de Satie é dividida em duas maneiras. A primeira a que ele dá o nome de Satie sage, alcança até 1890 e nas obras após esta data, o de Satie fol, ou Jouant le fol.
Segundo o meu parecer, julgo poder seguir a opinião de Allix, inclinando-me para a de Jean Cocteau, que o define acertadamente.
Para canto e piano, entre outras, compoz Satie a melodia Elégie em 1896, expressamente dedicada à memoria de Claude Debussy, na qual se lê a comovente e simples dedicatoria: "In souvenir d'une admirative et douce amitié de trente ans." Foi a ultima homenagem prestada a um bom amigo.
Vou procurar definir em poucas palavras a estética dos "seis".
Adoptando as teorias de

Jean Cocteau, que é o filósofo do grupo, e a estética audaciosa de Satie, os "seis" partem da complexidade politonica para alcançar a forma mais simples, em desharmonia com a arquitetura musical existente.

Não se vá supor, porem, que os "seis" adoptaram estes principios por desconhecerem as formas musicaes dos seus predecessores. Conhecem-nas até muito bem; mas o que constitue para os seus antecessores a forma perfeita, para os "seis", o passado é o labirinto, a confusão, donde é preciso tirar a expressão simples.

E para levarem a sua ideia a todo o mundo culto, teem produzido extraordinariamente, espalhando as suas composições á pleine corbeille. Ellas os seus trabalhos não se revelam sómente pela quantidade, mas tambem pela qualidade.

Ahi Henrique Collet, que o Boeuf sur le toit de Milhaud, as melodias do Bestiaire de Durey, ou os Interludes d'Honegger, os Mouvements perpétuels de Poulenc, a Deuxième Sonate para violino e piano de Honegger, e o Quatuor de Germaine Tailleferre, são composições admiravelmente bem feitas.

É tambem opinião do mesmo critico e musico distinto, que os "seis" respeitam cuidadosamente as leis da prosodia franceza, e sabem a sua lingua, o que tem importan-

cia capital para o canto.

Os "six", como disse, são influenciados pelas teorias do autor do Le Coq et l'arlequin, que se traduzem em parte na realização duma orquestra "sans la caresse des cordes: un riche orphéon de bois, de cuivres et de batteries." Entretanto, obras taes como o Dit Jeux du Monde, de Arthur Honegger, e outras dos restantes do grupo, empregam "la caresse des cordes", provando assim, que os instrumentos de cordas tambem se podem manifestar sem o classico langôr "des caresses".

Vou occupar-me primeiramente de Germaine Tailleferre, encantadora alma feminina, sem garridice nem pretenções, duma simplicidade que seduz e que conhece a fundo os recursos da sua arte.

Que maravilhosos ritmos arrojados, que harmonias requintadas nos revela a sua peça para dois pianos a 4 mãos, "Les jeux de plein air".

Uma das mais recentes composições de Germaine Tailleferre é a "Sonata" para violino e piano, que foi executada em primeira audição nos Concertos da Revue Musicale, no Vieux Colombier.

Foram interpretes Alfred Cortot e Jacques Thibaud, e o brilho destes dois nomes faz-nos antever como teria sido admiravel a execução desta "Sonata".

O director duma revista parisien-
v. a Germaine Tailleferre 2.
se consagrará esta composição, o se-
guinte artigo, que traduzimos na sua
parte mais interessante, e que não
traduzo para não lhe tirar o sabor
original, por me recordar do con-
ceito italiano: traduttore, tradi-
tore.

"On sait que Germaine Tailleferre
fait partie de ce que l'on a nommé
arbitrairement le "Groupe des Six," le-
quel se signala par son caractère a-
gressif plus que par des principes
d'art communs.

Germaine Tailleferre se singularisa
en ce sens qu'après trois premiers prix
d'harmonie, de contrepoint, et de
accompagnement au Conservatoire,
elle tourna le dos au prix de Rome
qui s'offrait à elle et à la cantate
obligatoire qui en est la condition
absolue, pour ne faire que la musi-
que qu'elle sentait en elle.

Sa première oeuvre gravée fut une
Berceuse pour violon dont les le-
cteurs du «Monde Musical» eurent la
primeur (juin 1913). Sa dernière com-
position en date montre que nous ne
nous étions pas trompés en prédisant
à Germaine Tailleferre un bel avenir.
C'est une Sonate pour piano
[illegible] et violon, composée l'été pas-
sé à Saint-Jean-de-Luz, entre des
parties de golf.

Les quatre mouvements dont elle

est formée - modéré, sans lenteur; scherzo: et un assez lent qui s'enchaîne à un vif très rythmé, - se tiennent admirablement et il est peu de sonates modernes qui nous ait causé un plaisir aussi complet."

. . . . . .

"On y sent une âme féminine, à la fois sensible, tendre et passionnée, sans les effusions sentimentales des romantiques, ou les mobilités kaléidoscopiques des impressionnistes.

S'il fallait rattacher Germaine Tailleferre à l'un de ses contemporains, on la situerait, non pas près de Satie, de Milhaud ou d'Honegger mais de Maurice Ravel."

De Arthur Honegger, o consagrado autor do Chant de Nigamon, falarei em especial dos seis poemas para canto e piano, de original poeta dadaista Guillaume Apollinaire. A la "Santé"

No primeiro Le travail respira-se uma atmosfera pesada; as horas decorrem tristes e lentas como o desfilar duma enterro, e estas horas em que choramos, chorá-las-hemos mais tarde, pois, sentiremos que, embora tristes, elas passaram demasiado rapidas, como em seu ma passam todas as horas.

Clotilde, o segundo poema escrito para soprano, salienta-se

pela leveza do acompanhamento que o envolve, assim como a voz, numa ligeira e delicada carícia.

O terceiro, Automne, é a visão duma paisagem mergulhada no mais completo torpôr, e entre o espesso nevoeiro que a envolve, passa um camponez com o seu boi — o rijo operario —. Este nosso ouvido chega uma canção de amor e infedilidade que o camponez trauteia tristemente, e que ao afastar-se vae perdendo a sua sonoridade. Dentro em pouco apenas distinguimos dois vultos pardacentos, que se esfumam ao longe, e se confundem com o horizonte embalado na penumbra da tarde.

Oh como o outono matou o verão!

Com Saltimbanques temos a vida nomada duma troupe da qual fazem parte os inseparaveis companheiros de luta pela vida — o macaco e o urso — e esses animaes domesticados, mostrando no seu olhar, um, a vivacidade maliciosa, outro, a tristeza nostálgica e dolente, apresentam ao publico curioso e complacente na sua maioria, a pandeireta em que recolhem a esmola, recompensa do seu trabalho.

L'adieu. Ouvem-se frases repassadas duma profunda melancolia. É a saudade que nos causa

o brin de bruyère que colhêmos, e que ao apartarmo-nos de alguem na terra, lhe segredámos comovidos que o esperaremos no ciel.

Emfim temos Les cloches. Num ritmo vivo, ouvimos o lamento duma rapariga que se queixa ao seu tzigane, de que os sinos badalam, sem cessar, a tôda a gente, o seu amor por elles tão escondido. Por ultimo lança a frase inicial num brado de angustia, no paroxismo de paixão e dôr: mon beau tzigane, mon amant écoute les cloches qui sonnent.

Francis Poulenc, que conta apenas 22 annos, é já autor de innumeras composições, entre as quaes mencionaremos: Rapsodie Nègre, para piano, dois violinos, alto, violoncello, flauta, clarinete em si bemol e uma voz.

Esta rapsodia dedicada a Erik Satie, compõe-se de cinco andamentos: Prélude, Ronde, Honolulu (intermède vocal) Pastorale e Final.

Temos ainda para canto e piano, Le Bestiaire ou Le cortège d'orphée, e as Cocardes.

A sua Sonata para piano a quatro mãos, recorda-nos paginas de Chabrier, e sobre o tema Voilà mes dames, voilà du bon fromage, realisou um Rustique duma frescura cativante.

Ainda deste compositor, são os cintilantes Mouvements perpétuels para piano a duas mãos, uma das suas obras mais interessantes, e onde as notas, no primeiro movimento, são a fonte maravilhosa e inesgotavel.

Darius Milhaud é já possuidor de grande bagagem musical.

As suas principais obras são: Choéphores, L'Homme et son désir, a farça L'Ours et la Lune, Protée e os Quatuors.

Nas suas Soirées de Petrograde, ~~para canto e piano~~ pequenas e encantadoras melodias, antevemos o que é o bolchevismo.

Les trois poèmes: Fumée, Fête de Bordeaux e Fête de Montmartre, revelam-nos os dois ultimos, a vida das festas fronceras ao ar livre; e a poesia de Jean Cocteau, aliada à musica graciosa e insinuante de Milhaud, transporta-nos a esta vida exterior e cheia de imprevisto, que encerram essas festas.

Louis Durey e Arthur Honegger, são os mais profundos dos "seis".

A musica de Louis Durey, é uma paisagem de meias-tintas, que nos revela o seu Temperamento recolhido e vasto.

Os Poèmes de Pétrone, escritos sobre um tema unico, que é alterado, formam um tryptico luminoso dum

sabôr antigo, realisado com excepcional simplicidade.

Louis Durey é ainda autor do Bestiaire, Images à Crusoé, 3 Eloges de Saintléger Léger, Epigrammes de Théocrite, Quatuors e um trio etc. etc.

Resta-nos Georges Auric.

Um critico francez declara que a musica de Auric, tudo diz e não deixa sonhar. A sua musica prende-nos, e só nos abandona quando nos sente vencidos.

As três Pastorales para piano a duas mãos, Jeux en feu para canto e piano, confirmam a opinião a que me referi.

Georges Auric compoz tambem Pas par et Loi, Chandelles romaines, La Dame de Coeur, trois Interludes e muitas outras que se tornaria fastidioso enumerar.

O assunto já vae longo, talvez um pouco mais do que desejava, e contudo, muito havia ainda para dizer; mas, não querendo torná-lo mais pesado, vou terminar, esperando que todos os que nos derem o prazer de ler estes apontamentos ácêrca de Erik Satie e os "Seis", sejam outros tantos entusiastas da sua obra, e assim, certamente desejarão que as suas composições façam parte dos nossos programmas musicaes, para poderem ter o prazer

de ouvir musica que os trans-
porte a esse ideal cheio de tão poderoso en-
canto, cujas cintilações já se di-
visam num fulgôr estranho, nu-
ma chama ardente e inestingui-
vel. MARIA SANTOS-FONSECA

Vera Shharb

Jesus